

## **ESTUDOS CULTURAIS, EDUCAÇÃO E PROCESSOS IDENTITÁRIOS: JUVENTUDE, GÊNERO, RAÇA.**

GRAÇA ELENICE DOS SANTOS BRAGA<sup>1</sup>  
MARCOS SOLANO DUARTE<sup>2</sup>

### **Introdução**

O referido trabalho tem como objetivo analisar as possibilidades discursivas fundamentadas pelos Estudos Culturais<sup>3</sup> e seus fios condutores nos processos identitários: juventude, gênero e raça, buscando entender as referidas categorias, tendo como base os teóricos do campo das ciências sociais como da educação contemporânea, de maneira a problematizar questões desafiantes aos profissionais da educação e pesquisadores. Pretende ainda, ressaltar como os Estudos Culturais têm estimulado reflexões educativas para os jovens homens e mulheres negras das classes populares.

O referido artigo se divide em três partes: na primeira encontra-se o delineamento, o contexto de surgimento dos estudos culturais, seus princípios, abordagem teórica e metodológica. Na segunda, trata-se de uma análise da aproximação dos Estudos Culturais com os processos identitários de juventude, gênero e raça. Na terceira, os elementos de contribuição dos Estudos Culturais no âmbito da educação e as influencia nos processos identitários. Por fim, com base nas reflexões dos estudos realizados em sala, nossas contribuições, visando neste artigo ser uma possibilidade de pensar os desafios no âmbito dos estudos culturais e que estes possam ser conectados com a educação.

### **1. ABORDAGEM TEÓRICA-METODOLÓGICA DOS ESTUDOS CULTURAIS**

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, Cultura e Identidades. Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco, pesquisadora do Grupos de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde (GEPERGES Audre Lorde) é orientanda da orientação da Prof. Dra. Denise Botelho E-mail: [gracaelenicebraga@gmail.com](mailto:gracaelenicebraga@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Educação, Cultura e Identidades. Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco do Professor de geografia no ensino médio pela secretaria estadual de educação de alagoas e professor do ensino fundamental da rede municipal da Água Preta –PE .È orientando do Prof. Dr. Paulo de Jesus .E-mail: [solanoarquivopessoal@gmail.com](mailto:solanoarquivopessoal@gmail.com)

<sup>3</sup> Adotamos como utilização da sigla (EC) para denominar Estudos Culturais no decorrer do artigo.

O debate sobre os Estudos Culturais surge no contexto complexo e paradoxal, por um lado, o panorama político do pós-guerra, as revoluções científicas, e o crescimento econômico. Por outro, a grande crise da esquerda, a crise do modelo burocrático do Estado de bem-estar social, intensificando as desigualdades não apenas de classe, mas no que se refere à raça, gênero, gerações. Desse modo, provocaram mudanças no campo das ciências sociais numa verdadeira reviravolta cultural, (Costa, 2003).

Este processo de transformações ocorre no campo do conhecimento, não restringindo aos aspectos da economia, política, mas, sobretudo no âmbito da educação, que de certo modo, impulsionados pelos grupos sociais e Universidades, vão buscar novos referenciais teóricos, sugerindo novas relações sociais, os sujeitos políticos, os contextos e suas contradições em curso. Recusando as formas conceituais fixas, estáveis.

Observa-se, que esta abordagem discursiva faz parte do pensamento pós-estruturalistas, que aponta o contexto contemporâneo, destacando as mudanças no campo das pesquisas, sobretudo na educação a importância dos instrumentos e das contribuições dos Estudos Culturais. Dessa forma, propõem aberturas e possibilidades para as novas formas de pensar e agir.

Dentro desta perspectiva os autores, Escosteguy (2010), Johnson (2006), Robbie (2011), apresenta a construção da nova concepção dos (EC) trazem duas contribuições. A primeira a crítica ao marxismo ortodoxo em suas metanarrativas e seu economicismo que a partir das vertentes: literária, incorporada por Raymond Williams, Richard Hoggart como algo que faz parte do modo de vida dos operários – trabalho, vida sexual, família e lazer. E a segunda vertente a histórica do marxismo evidenciado por E. P. Thompson com novo sentido ao termo experiência, a partir das particularidades da classe operária de homens e mulheres em suas vivências não apenas em sua vida produtiva, mas em sua expressividade cultural.

Estas experiências desenvolvidas tiveram vigor com a institucionalização dos Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), seus percussores: Raymond Williams, Richard Hoggart, E. P. Thompson trouxeram reflexões sobre a prática educativa, rompendo com o reducionismo das práticas disciplinares formalizadas pela academia em seus padrões textuais divorciada dos contextos e dos segmentos sociais

populares em seus planos objetivo e subjetivos. É importante, o destaque da atuação de Stuart Hall, registrado por Escosteguy (2010.p.29). “[...] embora não seja citado como membro do trio fundador, a importante participação de Stuart Hall na formação dos estudos culturais britânicos é unanimemente reconhecida”

É a partir das experiências, que resultou na segunda contribuição científica, embora em fase de construção seja possível referenciar, como uma nova teoria cultural. Segundo Richard Johnson (2006, P. 10) “os Estudos Culturais são um processo, uma espécie de alquimia para produzir conhecimento útil: qualquer tentativa de codificá-los pode paralisar suas reações”.

Observar-se que esta alquimia nas características humanas, parte de uma construção coletiva em contínua transformação nos diversos campos de estudos, que vêm oferecendo contribuições aos (EC) desde os pós-marxistas, pós-estruturalistas, os movimentos feministas, os intelectuais negros/negras e, sobretudo, nos variados momentos históricos e territoriais. Pois, se os estudos culturais foram iniciados na Inglaterra, sua repercussão teórica e política em outros países têm revelado duas situações: Uma as singularidades conjunturais de cada lugar. E a outra situação é as convergências afirmadas nas inquietações quanto as relação de poder e sua abordagem teórica metodológica.

Ressalvando as reflexões dos autores, Johnson (2006), Robbie (2011) no que tange aos princípios metodológicos (EC) devem ser considerados como abordagem interdisciplinar e algumas vezes antidisciplinares. Aqui entendemos a flexibilidade no percurso conjuntural dos sujeitos não induz a espontaneidade, mas a intencionalidade, estratégica na conexão entre trabalho intelectual e político, levando a análise do objeto de estudo e o local da crítica aos subsídios para as políticas públicas.

É importante compreender que os Estudos culturais não se definem como conhecimento fechado ou rígido, mas enquanto descrição provisória em diferentes aspectos ou momentos dos processos culturais, pois cada contexto depende do lugar de cada um, e como é ocupado por cada um imprescindivelmente. (JOHNSON, 2006).  
Afirma ainda no mesmo contexto:Nelson;Treichler;Grassberg:

Estudos Culturais não tem qualquer garantia sobre quais são as questões importantes a serem feitas em dados contextos nem respondê-las: Portanto, nenhuma metodologia pode ser privilegiada ou mesmo temporariamente empregada com total segurança e confiança, embora nenhuma possa tampouco ser eliminada antecipadamente. (2011. p.9)

Eis a ênfase na metodologia dos (EC) dada a valorização a (re) criações sócio-históricas das culturas das representações, destacando a juventude, gênero e raça. Numa perspectiva da “semiótica avançada”. É neste sentido, que Johnson (2006) ao criticar o conceito de subjetividade e projeto político marxista em suas teorias mais gerais, agrega outros aspectos a serem observados das identidades individuais, coletivas e a natureza histórica das formas subjetivas.

Portanto, a releitura do marxismo ampliando o campo dos Estudos Culturais, destaca que os conceitos não se restringem à concepção teórica, mas a dimensão linguística, pois o mesmo não nasce do vazio, mas surgem de um contexto e de um problema para surgirem e serem preenchidos de sentidos. Assim, as diversas contribuições nas concepções de gênero, raça e geração, tornaram temas reconhecidos como investigação “séria” ganharam força e legitimidade.

## **1. APROXIMAÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS E OS PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE JUVENTUDE, GÊNERO, RAÇA.**

Nas últimas décadas, o processo de transformações foi amplamente revelado numa complexidade de tendências traduzindo em perdas, transformações e, paradoxalmente novas possibilidades. Estas mudanças estruturais massivas no “mundo real” das classes estavam começando a se desmantelar não apenas pelo pós-guerra, a desindustrialização, a recomposição da classe trabalhadora, mas, sobretudo as tensões no debate marxista sobre a questão de classe a respeito da identidade política.

As devidas alterações vão emergir no campo do conhecimento, nas relações de produções, nas comunicações, nos espaços territoriais, e, sobretudo nas mudanças identitárias. Essa produção de novas identidades deixou de ser considerada como única a identidade de classe, como afirma Hall (2006, p.45) “surgindo o nascimento histórico que passou a ser denominado de política de identidade, ou seja, uma identidade para cada movimento”.

Ao analisar as discussões sobre a identidade pressupõem relativizar qualquer concepção estruturalista. Este debate perpassa a partir da “crise da identidade” como características da modernidade tardia, como refletem os autores (CASTELLS, 2002, HALL, 2013; SILVA, 2013; WOORDWARD, 2013). Estas novas definições rejeita a

concepção de uma identidade estável e homogênea, percebendo a identidade fluída, fragmentada e contraditória.

Deste modo, as concepções da identidade esta relacionada às mudanças, na sociedade contemporânea e sua renovada base conceitual, em parte pelas contribuições dos Estudos Culturais, destacou às Ciências Sociais e Humanas.

Observa-se que, é papel do pesquisador e profissionais da educação, repensar como os processos de construção das identidades se desenvolvem dentro e fora do ambiente escolar na ênfase de perceber quais as identidades estão sendo construídas na emergência do mundo marcado pela diversidade cultural. Segundo, Giroux (2011, p. 94) “Os Estudos Culturais colocam uma forte ênfase em vincular o currículo às experiências que os/as estudantes trazem para seus encontros com conhecimento institucionalmente legitimado”.

É nesta perspectiva que os estudos sobre sujeitos e suas identidades são pautas da educação contemporânea. E com base em (CASTELLS 1999; HALL, 2013,2006; WOORDARD, 2013; SILVA, 2013), que em suas contribuições teóricas explicam os fenômenos socio-políticos, destacando a concepção da identidade neste contexto de transformação.

Percebe-se que, o conceito de identidade está sendo discutido no âmbito dos estudos culturais, na busca de novas explicações frente ao contexto dinâmico da contemporaneidade na relação simultânea entre o eu identidade pessoal, como também a identidade coletiva. Conceitua Castells (1999)

Identidade é um processo de construção e significado com base em atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado individuo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto no auto-representação quanto na ação social. (p.22)

Na reflexão do autor as identidades carregam vários elementos constitutivos nos sujeitos e estas diferenças nas relações sociais são conflituosas e ou negociadas. Sendo assim, a construção da identidade é estabelecida num contexto marcado por relações de poder, desmontando a ideia essencialista e estruturalista. (CASTELLS, 1999; HALL, 2003; SILVA, 2013).

Entendemos como análises dos autores são convergentes quando ressaltam a dimensão relacional das identidades distinguem-se, no que concerne distribuição de

poder entre os indivíduos e grupos, com base em contextos históricos e sociais. Isto que dizer que os processos identitários juventude, gênero e raça são vivenciados e significados de diferentes modos. Segundo Silva (2013)

Têm sido analisadas, assim as identidades nacionais, as identidades de gênero, as identidades sexuais, as identidades raciais e étnicas. Embora estejam em funcionamento, nessas diversas dimensões da identidade cultural e social, ambos os tipos de processos, eles obedecem a dinâmicas diferentes. (p.84).

Observa-se que, os processos de constituição das identidades são distintos e plurais e de acordo com a formação de cada um (a) estes elementos são diversos. No que corresponde à identidade no caso do jovem, negro, mulher, homem nas demais dimensões implicam em diferenças. Possivelmente, esta construção ocorre nas relações sociais, históricas e pelas circunstâncias econômicas e políticas em transformação.

Na perspectiva de aproximar do conceito de juventude no contexto contemporâneo, ressaltamos a partir de uma diversidade configurada de sentidos e nas referências históricas, culturais e suas condições podendo ser desiguais, esses dinamismos não restringem a faixa etária, alega em sua abordagem Novaes (2000):

Nas definições de juventudes sempre há alguém empurrando alguém para ser jovem e não ter poder, ou alguém que está retirando alguém da juventude e levando-o a entrar na maturidade para trabalhar. De fato, há interesses econômicos e políticos na delimitação dessas fronteiras, razão pela qual elas podem ser muito flexíveis na sociedade em que vivemos. (2000, p. 47)

A partir da definição de autora o conceito de juventude não diz respeito às características biológicas, mas, a construção social e política estabelecida pelas relações de poder. De maneira que, observamos que o conceito de identificação vai ser retomado, nos Estudos Culturais, que entre outros aspectos como: poder e subjetividade.

Esta linha de pensamento aproxima dos Estudos Culturais, no que concerne às questões sobre o poder da representação nas diferentes identidades, que em se tratando de outro a conceito a serem, como gênero, nos Estudos Culturais, estes ganharam fôlego em sua atualização a partir das perspectivas teóricas, argumentadas pelos movimentos feministas, expressando uma identidade discursiva socialmente construída num contexto complexo. Como assegura Louro (2011):

O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-

se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. (2011, p. 27)

Nesta perspectiva, tanto os estudos de gênero supera o papel sexual, demarcando uma estrutura discursiva constituída de um processo dinâmico, singular e plural como emerge deslocamentos da identidade construindo novas posições, especificando a jovem, mulher e negra, refere-se a peculiaridades nos contextos históricos.

É importante ressaltar os processos identitários: juventude, gênero e raça caracterizam-se também, pela produção da diferença e da relação de pertença entre indivíduos e de grupos sociais, oferecendo nas suas origens, nas relações, identificações objetivas ou subjetivas estes elementos apontam para demarcar identidade pessoal e identidade coletiva.

Outra noção a ser compartilhada é a de raça que incorporada nos (EC) pós as críticas dos intelectuais negros fora percebida em suas diferenças uma diversidade de situações, ou seja, ser homem, ser mulher, ser jovem e ser negro(a) traz também complexidade. Ao observar as condições juvenis unem-se na mesma fase de vida, porém a diversidade de experiências e potencialidades, dilemas envolve vários fatores como políticos, econômicos e culturais. Descreve Corti (2005)

E à medida em que nos aproximamos ainda mais da realidade social, vamos percebendo que estas clivagens tendem a aumentar, inclusive no interior dos grupos étnicos, das classes e assim por diante. Afinal, dois jovens negros, por exemplo, que possuam diferentes condições econômicas terão provavelmente experiências juvenis muito diferentes. (2005.p. 14)

A efetivação de políticas estruturantes para a desconstrução de imaginários racistas, que não considera a realidade trazida pelos jovens negros e negras para a sala de aula, sua identidade, cultura e modo de vida, são desafios da sociedade e do sistema de ensino. Santana (2006, p. 58) registra: “Estamos amadurecendo e construindo democraticamente um novo projeto de sociedade. Nos últimos anos, passamos a discutir amplamente o novo problema do racismo no interior das relações sociais”.

Essas discussões partem ampliam o debate como projeto político de sociedade, não restringindo ao aspecto econômico, mas os aspectos culturais e religioso, enraizado nos processos históricos. E neste cenário contemporâneo, em particular neste mundo

globalizado, produziram outras formas de desigualdades sociais e raciais resultando nos grupos negados, excluídos numa fragmentação de suas identidades, tornam-se distantes e desvinculadas dos mitos, das histórias, das tradições.

É nesta direção que o exercício de compreender as transformações atuais a partir do que aconteceu com a população negra escravizada no Brasil e pensar as origens históricas dessa identidade apropriada, da cultura, da história, da religiosidade – o que nos desafia a recontar, reconstruir e resignificar o que fora retirado.

Neste sentido a noção de raça é importante para a constituição social e destacando a sociedade brasileira, compreende uma complexidade de sentidos que vão além das forças, estruturas emergem no contexto e discutir estes temas como categorias de análises não pelo aspecto biológico. Nas considerações de (MUNANGA, 2008; GOMES, 2008; HALL, 2006) o conceito de raça não diz respeito às características biológicas, mas à construção social e política.

Deste modo, para contribuir na proposição de políticas afirmativas se faz necessário entender o que aconteceu no passado e o momento atual, pois a noção de raça embora pareça antiga aos nossos olhos é bastante tensionada na sociedade. Para Castells (1999, p.71) “[...] a questão racial seja importante e provavelmente mais do que nunca uma fonte de opressão e discriminação”.

Percebe-se que os conceitos não são fixos, pois como registrado anteriormente os mesmos conceitos surgem do contexto e de problemas para emergirem sentidos. Desse modo, as noções de raça estão sendo apresentados nos sistemas de ensino, com profundas controvérsias e desafiados nos processos de acesso e permanência dos jovens no ensino.

Para Libâneo (2005, p. 19) “o ato de agir pedagógicos, está, portanto em investigar constantemente o conteúdo do ato educativo em sua complexidade de sentidos, entre eles o multifacetado”. O argumento do autor nos convida enquanto profissionais da educação e pesquisadores (as), a pensar no papel da educação frente a esta realidade, assim como, na presença dos sujeitos envolvidos em sua diversidade cultural e étnico/racial.

## **2. ESTUDOS CULTURAIS E O LUGAR DA EDUCAÇÃO**



É a partir de pressupostos teóricos oriundos de uma abordagem crítica que os estudos culturais no âmbito da educação, recusam o racionalismo iluminista, rejeitam qualquer discurso “totalizante” e “determinista”. Como afirma Costa (2003, p.37) “repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso”.

De acordo com Giroux (2011 p.83), “os estudos culturais estão profundamente preocupados com a relação entre cultura, conhecimento e poder”. Como é possível observar este pensamento inovador recusa as teorias abrangentes e paradigmas clássicos cuja hierarquização do conhecimento e cultura, que silencia as culturas e grupos sociais marginalizados em suas formas de participação.

É nesta perspectiva, que surge a concepção proposta pelos Estudos Culturais, sobretudo para que os sujeitos políticos possam reconstruir suas expressões culturais, bem como os profissionais da educação e pesquisadores debruçarem nos estudos dos fenômenos sociais na compreensão da realidade.

Esta investigação no campo da educação propõe desafiar a pedagogia a novos pressupostos metodológicos. De acordo com as ideias de (SILVA, 2013), a “pedagogia como diferença” surge em favor de uma estratégia pedagógica e curricular que sua abordagem da identidade e da diferença, levando em conta precisamente as contribuições da teoria cultural recente, sobretudo aquela de inspiração pós-estruturalista.

A partir das ideias do autor acima, é possível dizer que, os Estudos Culturais provocam a escola tradicional, assim como seus profissionais da educação e pesquisadores a investirem em práticas culturais, enraizada nas experiências de vida, contemplando as dimensões humanas no âmbito: subjetivo, intersubjetivo, no caráter ativo, construtivo, afetivo e histórico do sujeito, como também nas relações dinâmicas com o meio social.

Esse processo educativo poderá provocar mudanças sociais, porém faz necessário problematizar, pensar sobre os discursos, suas relações contextuais, refletindo quais os desafios que educadores e pesquisadores sentem provocados a se inquietar a construir novas posturas e práticas de pertencimento nas identidades de gerações, gênero e raça.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Estudos Culturais vem adquirindo importância no âmbito dos projetos de segmentos específicos como: mulheres, negros, juventude e outros, nas atividades acadêmicas, destacando nos projetos de pesquisas que tratam das categorias das identidades de juventude, gênero e raça, sobretudo enfatizando a educação na sociedade contemporânea.

As questões sobre identidade ganharam expressão com as mudanças políticas e culturais nos últimos anos. Estas transformações foram resultado das alterações do mundo moderno, numa nova emergência os sujeitos políticos pautaram as novas identidades desenvolvendo novas teorias sociais explicativas sobre a constituição identitárias em seus diversos deslocamentos e diferenças entre eles.

Estas questões apontadas não remetem apenas a novas formulações, mas a refletir sobre a contribuição dos autores como: Castells(1999), Louro (2011), Munanga (2008), Gomes (2008), Hall (2006) os quais argumentaram as identidades em suas contingências no interface dos mosaicos multiculturais, classe, gênero, raça e geração. Como observamos pensar a cultura, através dos processos identitários sugere considerar as conexões entre os aspectos, políticos, sociais e históricos.

Na perspectiva de Johnson (2006) somos convidados a aprofundar estudos, pesquisa numa conexão entre trabalho intelectual e político. Por isso, a importância do dialogo com os projetos específicos com os estudos Culturais, em seus diversos avanços, através das críticas, a contribuição com as novas formulações e, sobretudo as indagações na possibilidade dos estudos debruçados nos dilemas e possam subsidiar a realidade, sobretudo a pesquisa e a crítica educacional.

## REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel, **O poder da Identidade**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Marisa; SILVEIRA, Rosa Hessel e SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. 2003. [www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03). acesso em: 18/08/14

CORTI, Ana Paula; Souza Raquel **Diálogos com o Mundo Juvenil**; Subsídio para educadores. São Paulo Ação Educativa, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais** – Uma versão latino-americana. Ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Acesso dia 19/08/2014.

GIROUX, Roger J. Praticando estudos Culturais nas faculdades de educação. In. Silva, Tomaz Tadeu da ,(org.)-**Alienígenas na sala de aula**. RJ,Vozes,2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós- Modernidade**.Rido de Janeiro;D&A.2006

JOHNSON, Richard. O que é , afinal, Estudos Culturais?.In. SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é , afinal, Estudos Culturais?**.Belo Horizonte,autentica,2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **As Teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação**. In: Libâneo, J. C (org.); (Capítulo 1). Disponível em: <http://www.ia.ufrjr.br/ppgea/conteudo/T1SF/Akiko/03.pdf>; acesso em: 14/08/14.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós – estruturalista** .RJ,Vozes.2011.

NELSON, Cary; TREICHELER, Paula A.; GRASSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma Introdução. In. Silva, Tomaz Tadeu da, (org)-**Alienígenas na sala de aula**. RJ, Vozes, 2011.

SANTANA, Moisés de Melo. **A proposta de Cotas para negros/as na Universidade Federal de Alagoas: contemplando a raça e o gênero**. In: GOMES, Nilma Lino (Org). **Tempos de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2006.,p.56-65.

MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade. **Caderno Penesb- Periódico do Programa de Educação sobre Negro**.Niterói- Eduff/2008/2010.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**.-3-Belo Horizonte; autentica editora, 2008.

NOVAES, Regina. **Juventude e Participação Social**; Apontamentos sobre a reinvenção da Política. São Paulo, Cortez,2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2013. 133 p.

Woodward, Kathryn .**Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.**  
In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2013. 133 p.